

ciudades cooperativas florestais, agrícolas e de criação; Outros agrupamentos; Necessidades de incentivar e de manter o movimento cooperativo nos países americanos e soluções mais adequadas para isto; Povoamento Rural — As condições e o custo da vida das famílias no campo; Nutrição, higiene e salubridade; Medidas para amparar

e melhorar a vida do camponês; Extensão e formas de trabalhos rurais recomendáveis; Habitação rural; Salubridade no campo; Eletrificação rural; A mulher no campo; Educação rural — Escolas rurais elementares e superiores de ensino agropecuário; Construções rurais; Sistemas de irrigação; Drenagem; Máquinas agrícolas.

## ENGENHEIRO GÉRSON DE FARIA ALVIM

Noticiando o falecimento do engenheiro GÉRSON DE FARIA ALVIM, ocorrido nesta capital, a 10 de Novembro findo, começamos por salientar a profunda e justa consternação causada pelo infausto acontecimento no seio dos que integram o Conselho Nacional de Geografia, órgão científico que, desde a sua instalação, se vinha beneficiando da prestantíssima, competente e ininterrupta atuação do ilustre técnico, agora desaparecido.

Representando o Ministério da Agricultura no Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, a princípio como suplente do grande cientista EUSÉBIO DE OLIVEIRA e depois em caráter efetivo na vaga aberta pelo falecimento daquele saudoso sábio, GÉRSON ALVIM, para enunciar aqui somente o seu nome profissional, rara foi a vez que deixou de comparecer às reuniões do órgão deliberativo do Conselho para tomar parte ativa, eficiente e entusiasta nos seus trabalhos, ao esclarecer assuntos técnicos do seu domínio científico, intervir nos debates fazendo sugestões e, finalmente, influir decisivamente nas deliberações adotadas.

Pautando sempre sua esplêndida atuação dentro daquela muito sua e, por isso mesmo, inconfundível atitude de moderação, de concórdia e de modestia, nunca se extremou ele em discussões pelo simples desejo de opinar, pois, os seus pontos de vista, expostos da maneira mais simples e concisa, eram sempre justificados com argumentação esclarecedora, que deixava logo patentes a experiência e a competência do profissional que ele era.

Na Comissão de Atualização da Carta Geral do Brasil ao Milionésimo, que também tinha, na pessoa do ilustre técnico, um dos seus membros dos mais esclarecidos, não foi menor a colaboração por ele prestada. Daí o muito justo pesar que a sua morte veio causar no seio da comunhão geográfica na-

cional, especialmente entre os que mourejam na ala geográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e no Departamento Nacional da Produção Mineral, onde o saudoso geólogo ocupava elevado cargo na sua Divisão de Geologia e Mineralogia.

Nasceu o engenheiro GÉRSON DE FARIA ALVIM a 27 de Agosto de 1891, no município de Ubá, Estado de Minas Gerais, onde fez seu curso primário e secundário, ingressando, após, na tradicional escola de Minas de Ouro Preto. Em 1917, recebeu ele o diploma de engenheiro civil e de minas, regressando ao município do seu nascimento. A passagem de GÉRSON ALVIM pelo histórico e afamado centro de estudos de Ouro Preto foi assinalada pela aplicação aos estudos e sobretudo pela inteligência com que dava conta de todas as matérias do curso, ensinadas por uma equipe de excelentes professores.

Assim preparado para a vida prática, deixou ele aquela escola, indo lecionar geografia no Ginásio São José, de Ubá, não se havendo demorado nessa função, por ter ido exercer, logo depois, o cargo de auxiliar dos trabalhos de saneamento daquela mesma cidade, até que, em Junho de 1918, veio figurar no quadro do antigo Serviço Geológico, atual Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional de Produção Mineral, de onde não mais se afastou.

Sendo-lhe, nessa repartição, destinado o exercício do cargo inicial de geólogo-ajudante contratado (Junho de 1918 a Dezembro de 1919), antes de completar dois anos nesse cargo, GÉRSON ALVIM, tal desempenho deu às tarefas que lhe foram confiadas, que, em Janeiro de 1920, era promovido ao cargo imediatamente superior, ainda por contrato, sendo algum tempo depois, aproveitado em caráter efetivo, como merecido prêmio dos trabalhos técnicos que realizou. Graças, pois, à sua esplêndida atuação técnica e à sua capacidade

de trabalho, conseguiu êle naquela repartição atingir o cargo de chefe da Secção de Topografia e Carta Geológica estando, nesse caráter, realizando interessante programa de trabalhos úteis à geografia do país, quando foi surpreendido pela morte.

Funcionário de boa estirpe e técnico dos melhores, na execução de tarefas especializadas, como também na boa organização e na excelente direção do setor que lhe foi confiado, valeram-lhe êsses atributos para ser, vez por outra, substituto do diretor da Divisão de Geologia, durante o impedimento dêste, chegando mesmo a responder, interinamente, por nomeação, pelo expediente da repartição durante o período de 16 de Agosto a 17 de Novembro de 1941.

No desempenho de encargos especializados, esteve em quase todos os Estados do Brasil realizando estudos, pesquisas e levantamentos topográficos, resultando essas indagações científicas — que levou a efeito durante tais excursões —, em excelente documentário substanciado nas magnificas monografias e nos bem elaborados relatórios de sua lavra.

Essas eruditas quão úteis contribuições representam material bibliográfico de primeira ordem para o estudo da geologia brasileira.

O trabalho inicial da lavra de GÉRSON ALVIM, foi o denominado *Turfa de Vila Nova* (Bol. n.º 7 do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Rio, 1924). No ano seguinte uma pesquisa científica que realizou no município de Ilhéus, Estado da Baía, ensejou-lhe a oportunidade de oferecer às letras geológicas pátrias o seu segundo trabalho: *Sondagens de Curupé* (Bol. n.º 13 do Serviço Geológico do Brasil, Rio, 1925), seguindo-se a êsse trabalho o que tem por título *Sondagens a aço granulado*, que se acha inserto, ainda nesse último "Boletim". Tendo, em 1929, visitado o México, como delegado técnico do governo brasileiro, estudou ali o processo e o desenvolvimento da indústria petrolífera dando-nos, ao regressar, um valioso trabalho especializado sob o título *A indústria do petróleo* (Boletim n.º 41 do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Rio), no qual ficou comprovada mais uma vez, a sua competência de técnico, diante das observações feitas e das conclusões a que chegou, havendo revelado nesse trabalho, possuir sólidos conhecimentos sôbre tão importante matéria. Em 1913, lançou GÉRSON ALVIM mais outra contribuição denominada *Molibdênio* (Bol. n.º 56 do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil), último da série de sua autoria publicado pela repartição onde trabalhou. Sendo-lhe então confiado o exercício do cargo

de direção e organização de serviços, interrompeu êle os estudos que vinha fazendo para entregar-se a tarefas de gabinete e de coordenação necessárias ao melhor aparelhamento da secção que vinha chefiando, particularmente empenhado na coleta de elementos subsidiários para a futura confecção de uma carta geológica do Brasil.

Conta-se também entre os seus trabalhos um excelente resumo biográfico do grande geólogo brasileiro EUSÉBIO DE OLIVEIRA, seu mestre e amigo, resumo êsse inserto na secção "Vultos da Geografia do Brasil" desta REVISTA (n.º 1, ano II, 1940, pág. 55). Esse trabalho, apesar de muito sucinto, constitui ótima achega à biografia do ilustre cientista, pela particularidade de haver sido escrita por GÉRSON ALVIM, amigo íntimo e discípulo dos mais aproximados e distinguidos do biografado, pois, onde quer que o saudoso e ilustre geólogo estivesse, nas salas de conferências, nas reuniões científicas ou à frente de trabalhos técnicos, era êle sempre visto ao lado do mestre, haurindo-lhe o saber, buscando-lhe o exemplo.

Outro trabalho intelectual da lavra de GÉRSON ALVIM, foi o que decorreu da contribuição que êle levou às solenidades comemorativas do 4.º Centenário do Descobrimento do Rio Amazonas, levadas a efeito nesta capital, a qual consistiu numa aula, então, ministrada, sôbre a *Geologia do Amazonas*, posteriormente inserta, na íntegra, pelo jornal *A Manhã*, em seu suplemento literário de 18 de Janeiro de 1942.

A sua última contribuição ao estudo da Geologia brasileira, *O Serviço Geológico e Mineralógico no passado, no presente e no futuro*, foi a tese que apresentou ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, inserta no II volume dos "Anais" daquele certame, ultimamente editado.

Nesse trabalho, "excelentemente elaborado, sistemático e bem documentado, o autor, um dos grandes e mais antigos colaboradores de estudos mineralógicos e geológicos do Brasil, define a grande messe de trabalhos executados, a principio por comissões isoladas, chefiadas quase sempre por notabilidades estrangeiras, depois, ainda no tempo do Império, pela Comissão Geológica do Império, criada em vista dos trabalhos da Comissão chefiada pelo conhecido cientista CHARLES F. HARTT, e por fim, pelos trabalhos do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, criado, devido ao interesse despertado por essa comissão, que teve dilatadas as atribuições a ela conferidas, estendendo-as ao estudo de todos os recursos minerais do Brasil, serviço êsse criado em Janeiro de 1907".

O respectivo parecer que aprovou por unanimidade o trabalho de GERSON ALVIM, firmado pelo geógrafo Cel. TEMÍSTOCLES PAIS DE SOUSA BRASIL, também ultimamente falecido, além de louvar a contribuição que ele trouxe sobre a matéria, endossou o apêlo constante da referida tese, para que o IX Congresso Brasileiro de Geografia solicitasse ao sr. Presidente da República e ao sr. Ministro da Agricultura que tomassem sob sua proteção especial a Divisão de Geologia e Mineralogia. Corroborando a esse apêlo, o Congresso votou u'a moção que se encontra publicada junto à referida tese.

Também a presença de GERSON ALVIM integrando a representação dos órgãos federais nas várias sessões anuais de assembleia geral do Conselho Nacional de Geografia, era sempre assinalada por valiosa parcela de colaboração que ele sempre trazia aos conclaves dessa natureza. Na última dessas reuniões, realizada em Goiânia, coube a ele, como representante do Ministério da Agricultura, saudar, em nome dos delegados federais, os seus companheiros de representação estadual. O discurso que então produziu acha-se publicado no último número desta REVISTA.

Associando-se ao pesar que domina a comunidade geográfica brasileira e os membros de sua família, rendemos aqui o nosso preito de admiração e de saudade.

\*

Quando EUSÉBIO DE OLIVEIRA, fulminado em plena fase de produtividade intelectual por fatal lesão cardíaca, emudeceu, privando a ciência brasileira de um dos seus mais conspícuos cultores, em assuntos relacionados com a geologia, substituiu-o, nos encargos de representante do Ministério da Agricultura perante o Conselho Nacional de Geografia, GERSON DE FARIA ALVIM, que já lhe vinha servindo de assistente, por dirigir a secção referente a trabalhos cartográficos.

As inconfundíveis características pessoais que os distingulam não impediram que se afeitassem cordialmente um ao outro, por maneira que fôsse, êste, o continuador dedicado e sincero do mestre e amigo, a cuja memória não se cansava de prestar expressivas homenagens.

Entretanto, grave antagonismo de temperamentos parecia contrariar a aliança afetiva das duas individualidades.

A aparência explosiva, que ocultava a bonhomia e trato leal do digno substituto de GONZAGA DE CAMPOS na chefia do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, contrastava com a timidez superficial de GERSON, que não se comprazia em sustentar, e muito menos provocar discussões intempestivas.

Decidido a trabalhar, como lhe era do feitio, tomava a tarefa que lhe coubesse, e na sua execução cabal porfiava sem descanso, até vê-la ultimada.

Preferia atuar em ambiente calmo, livre de escarceus que lhe perturbassem a serenidade. Evitava, quanto pudesse, as discussões inúteis, embora opinasse em questões, que se lhe afigurassem merecedoras do seu parecer.

A modéstia inata mantinha-o as mais das vezes silencioso, iludindo os que não lhe conhecessem a competência, testemunhada pelas contribuições trazidas ao melhor conhecimento da geologia do Brasil, ao contrário do seu guia intelectual, que não enfeitava debates, se é que não os provocava.

Por não se conformar com as afirmações alheias, que lhe parecessem destituídas de fundamento científico, EUSÉBIO DE OLIVEIRA levou toda a vida a lutar contra quantos lhe contrariassem os conceitos.

E para sustentá-los escreveu abundantemente, desde simples anotações, destinadas a maior desenvolvimento ulterior até os ensaios de alta densidade e alcance para enciclopédias especializadas.

Conquistou, pelas provas de saber expressas em monografias indispensáveis ao melhor conhecimento do Brasil, a supremacia entre os colegas do seu tempo, que lhe proclamaram a dedicação incansável às pesquisas geológicas, orientadas por seguro critério profissional.

Por isso, lá continua, em bronze, na herma, que lhe dedicou a homenagem dos admiradores, à entrada da repartição, que soube honrar, feito diretor.

GERSON ALVIM, ao revés provavelmente não terá estátua. O seu perfil não se impôs à atuação dos contemporâneos como de ardoroso lutador, capaz de vencer quaisquer barreiras que lhe embaraçassem a marcha. Apezua-se em trabalhar, mas em condições amortecedoras de ruídos, para que pudesse apresentar obra apreciável e útil.

Os rompantes de zanga, se é que os tinha, desapareciam, dissimulados pela tranquilidade fisionômica inalterável. Ainda que o preocupasse algum problema, sabia dominar-se às maravilhas, por maneira que raros pudessem percebê-los.

E a coberto, dessa forma, da curiosidade de estranhos, que não lhe seria do agrado, desenvolvia a sua atividade, que, posto despretenhosa, sempre mereceu aplausos dos seus superiores hierárquicos.

Contentava-se com o pontual cumprimento do seu dever, mas em bem desempenhá-lo concentrava toda a sua inteligência, servida por esplêndida cultura.

Em trabalhos de campo, como à sombra dos escritórios, era o mesmo diligente obreiro, que trabalhava sem atropêlo. Quanto dependesse de seu esforço exclusivo, apareceria como por mágica, antes que se divulgassem avisos antecipados.

A compleição franzina, que aparentemente o excluía das comissões fatigantes, não lhe dava motivo para recusas, bem que justificáveis.

Talvez até o estimulassem a provar que a diminuição do peso próprio trazia vantagens compensadoras da minguada de reservas dispensáveis. Aliás, a prática profissional nos sertões brasileiros acumulou exemplos sem conta de mofoinos organismos que operaram feitos sobre-humanos. Bastará a citação de dois nomes de auxiliares da Comissão Rondon, que estendeu a linha telegráfica, de Cuiabá ao rio Madeira.

Como se conservasse de permeio vasta região desconhecida, virgem até então de olhares civilizados, fez-se mister desevidar-lhe os segredos da fisiografia, antes de fixar o traçado mais conveniente para a futura via de comunicação.

Turma excelente de técnicos foi mobilizada para a magna empresa.

Internavam-se pelo ermo, e durante meses a fio peregrinavam no emaranhado de cabeceiras anônimas ou transpunham vales e morrarias, em explorações das circunjabências.

Renovaram-se, então as aventuras bandeirantes mas a serviço da ciência, com os mesmos perigos de fome, de doenças, a que sucumbiria mais de um colaborador, de assaltos de índios, que se vingavam de agravos anteriores, de toda sorte de obstáculos próprios dos terrenos brutos.

Entre os demais legionários, que sadio idealismo impelia para as provações de rude campanha construtiva, dois pelo menos sobressaiam pela delgadeza do corpo, a que deveria corresponder irremediável incapacidade para as tarefas absorventes de energias.

Entretanto, EMANUEL AMARANTE, que rematou as incumbências técnicas, antes de perecer no mesmo cenário de suas operações audazes, como igualmente RAMIRO DE NORONHA, ainda consagrado ao serviço do Brasil, evidenciaram que lhes era possível executar as mais duras marchas, quando necessárias ao esclarecimento de dúvidas geográficas.

De harmonia com a simples resistência física, suportaram os mais sérios testes intelectuais, a que a própria atividade sertaneja os submetia por vezes.

Assim foi que, encarregado de estudar o problema do transporte através extenso trecho de areial, em que o solo frouxo esfalfava os animais cargueiros e retinha os caminhões, em patinação nociva, AMARANTE ideou, antes da guerra de 1914, dotar-lhes as rodas de pás articuladas, que, pelo aumento de superfície de apoio, reduzissem a pressão unitária, princípio que, mais tarde, deu causa à construção de lagartas, utilizadas pelos tratores e tanques militares.

Hábil no desenho de cartografia, o seu parceiro soube oportunamente trocar o sedenta-

rismo em torno das pranchetas pelo nomadismo dos exploradores de rincões impérvios.

Explorou o rio Ananás, para retomar o serviço encetado por MARQUES DE SOUSA, que lá sucumbiu, o vão entre as cabeceiras do Paraguai, do Arinos e Paranatinga, abriu a rodovia para os domínios dos Bacairis, e, depois de tanto se expor à destruição, ainda se mantém na ativa, como um dos raros representantes da comissão memorável.

Analogamente a NORONHA, o aspecto físico de GÉRSO ALVIM parecia contraindicar a sua designação para trabalhos perturbadores do ritmo normal de sua existência.

Não obstante, ingressa na "Comissão Eusébio de Oliveira", que o leva ao Nordeste, a Maceió, donde trás elementos contrários a algumas conclusões de J. C. BRANNER, assim patenteando sagacidade na observação, ao Sergipe, onde estudou, com BOURDOT DUTRA, a turfa de Vila Nova, a Cururupe, ao sul de Ilhéus, cujos folhelhos betuminosos e arenitos asfálticos examinou cabalmente, a Caravelas, donde se internou para Teófilo Otoni.

Mas é em Graminha, São Paulo, que permaneceu por mais dilatado prazo, para sondagens em busca de petróleo, a cujas pesquisas se dedicou sagazmente.

Recolher-se-ia, por fim, ao escritório, para chefiar a Secção de Cartografia, onde traçou imponente programa.

Pretendia nada menos que elaborar a carta do Brasil ao milionésimo, e para tanto começou os trabalhos preliminares, amparado em excelente mapoteca, metodicamente arquivada.

Não existia ainda o Conselho Nacional de Geografia, a quem o Governô Federal cometeu tamanho empreendimento, de atualizar a "Carta do Centenário", e por isso GÉRSO meteu ombros à tarefa de costa arriba.

Quando a viu, porém, transferida a maior organização, mais bem aparelhada para ultimá-la, não se amofinou. Ao revés alegrou-se de fazer-lhe parte da comissão diretora, e a assiduidade, com que lhe frequentava as reuniões, bem lhe espelhava a satisfação íntima em acompanhar-lhe o andamento dos trabalhos, em cuja orientação colaborou a preceito.

Recentemente, ocorreu a primeira ausência, continuada nas semanas seguintes.

Divulgou-se que amofinante gripe o retinha no leito, de que não mais se levantaria, quando podia ainda demonstrar em novas contribuições a sua competência especializada, envôlta em atraente modéstia.

E assim desapareceu o profissional, que soube conquistar a admiração e a estima dos colegas pela sua cordialidade e delicadeza despretensiosa.

*Virgílio Correia Filho.*